

Artigo de Pesquisa.**A AMAZÔNIA NO CONTEXTO DA GEOGRAFIA ESCOLAR, UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA A PARTIR DA PERCEPÇÃO DISCENTE****The Amazon in the context of school geography, a necessary discussion from student perception**Renata Maria da Silva¹

¹ Universidade Federal de Rondônia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Velho, Brasil.
E-mail: renatamaria.enzo@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-3919-962X>

Recebido em (05/10/2023) e aceito em (02/12/2023).

RESUMO: Ao longo de décadas a Amazônia enfrenta formas variadas de saques, violações e espoliação, fenômenos que se intensificaram com o avanço do capital. Mediante a lógica capitalista, é vista apenas como recurso e fonte inesgotável de riquezas. Suas particularidades e sua sociobiodiversidade são desconsideradas e, muitas vezes, negadas. Esta pesquisa se caracteriza como exploratória, com abordagem quali-quantitativa, os procedimentos utilizados consistiram em levantamento e análise bibliográfica, documental e pesquisa de campo. O objetivo deste estudo é analisar como os estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, localizada no norte do estado de Mato Grosso, percebem a Amazônia no contexto da Geografia Escolar. Parte dos resultados revelou que a maioria dos participantes identifica a Amazônia como uma “floresta”, habitada apenas por “índios e animais”, cuja manutenção é muito importante para a produção de oxigênio. Sobre a localização, muitos discentes responderam que a Amazônia fica no estado do Amazonas, portanto, não se identificam como amazônida. A situação é preocupante, pois esses alunos desconhecem a temática proposta e ocorre uma negativa voluntária ou involuntária da Amazônia em suas vidas, fato que pode colaborar para o descaso, a desconsideração e o desinteresse da sociedade no tocante à realidade socioambiental da maior floresta tropical do planeta.

Palavras-chave: Amazônida; Percepção Discente; Ensino de Geografia; Norte mato-grossense.

ABSTRACT: Along the decades, the Amazon faces various forms of looting, violations and spoliation, phenomena that have intensified with the advance of capital. Through capitalist logic, it is seen only as a resource and inexhaustible source of wealth. Its particularities and sociodiversity are disregarded and, often, denied. This research is characterized as exploratory, with a qualitative-quantitative approach, the procedures used consisted of bibliographical and documentary survey and analysis and also field research. The objective of this study is to analyze how students in the 8th year of public Elementary School, located in the north of the state of Mato Grosso, perceive the Amazon in the context of School Geography. Part of the results revealed that the majority of participants identify the Amazon as a “forest”, inhabited only by “Indians and animals”, whose maintenance is very important for the production of oxygen. Regarding location, many students responded that the Amazon is in the state of Amazonas, therefore, they do not identify themselves as amazonian. The situation is worrying, as these students are unaware of the proposed theme and there is a voluntary or involuntary denial of the Amazon in their lives, a fact that can contribute to society's neglect, disregard and lack of interest in the socio-environmental reality of the largest tropical forest in the world.

Keywords: Amazonian; Student Perception; Teaching Geography; North of Mato Grosso.

RESUMEN: A lo largo de décadas la Amazonia ha enfrentado diversas formas de saqueos, violaciones y espoliación, fenómenos que se han intensificado con el avance del capital. Mediante la lógica capitalista, es vista solamente como recurso y fuente inagotable de riqueza. Sus particularidades y su sociodiversidad son ignoradas y, muchas veces, negadas. Esta investigación se caracteriza como exploratoria, con enfoque mixto (cualitativo y cuantitativo), los procedimientos utilizados consistieron en el levantamiento y análisis bibliográfico, documental y la investigación de campo. El objetivo de este estudio es analizar cómo los estudiantes del 8° año de la Primaria de una escuela pública, ubicada en el norte del estado de Mato Grosso, perciben la Amazonia en el contexto de Geografía Escolar. Parte de los resultados mostraron que la mayoría de los participantes identifican la Amazonia como un “bosque”, habitado sólo por “indios y animales”, cuyo mantenimiento es muy importante para la producción de oxígeno. En cuanto a la ubicación, muchos estudiantes respondieron que la Amazonia está en el Estado de Amazonas, por lo tanto, no se identifican como amazonida. La situación es preocupante, ya que estos estudiantes desconocen el tema propuesto y existe una negación voluntaria de la Amazonia en sus vidas, hecho que puede contribuir al abandono, desprecio y desinterés de la sociedad por la realidad socioambiental del mayor bosque tropical del planeta.

Palabras clave: Amazonida; Percepción Discente; Enseñanza de Geografía; Norte de Mato Grosso.

INTRODUÇÃO

Ao longo de décadas a Amazônia enfrenta formas variadas de saques, violações e espolição, fenômenos que se intensificaram com o avanço do capital, da fronteira agrícola, dos programas e projetos governamentais. A partir da década de 1940, o governo Vargas implementou a estratégia de “Integração Nacional” com o movimento “Marcha para o Oeste” e instituiu programas desenvolvimentistas de capitalização nacional e internacional direcionadas ao Cerrado e Amazônia, recrudescendo a interiorização (invasão) da floresta.

Expansão capitalista é o processo de constituição da fronteira agrícola-urbano-industrial a partir da incorporação de novas áreas à economia e política nacionais pela implantação de assentamentos urbanos ou rurais. Pauta-se na exploração e transformação de elementos naturais em recursos florestais e minerais; modificação e uso do solo para a implantação da agricultura comercial e pecuária; utilização de sistemas hídricos para produção energética e sistemas multimodais comerciais (SILVA, 2006). Em virtude dessa expansão, a floresta, seus povos e toda a sociobiodiversidade padecem, portanto, é imprescindível enfatizar os debates, realizar ações mitigatórias e inserir a realidade socioambiental no cerne da discussão global.

A Amazônia recebe inúmeras definições, muitas oriundas do senso comum, repassadas por gerações, descritas por pesquisadores, cientistas e romancistas. Cada um conta e descreve a Amazônia de acordo com sua percepção, interesse pessoal, ou de uma determinada classe social. Na visão de Leff (2009, p. 20), a educação contemporânea precisa preparar mentalidades inovadoras capazes de compreender a inter-relação entre os sujeitos e a sociedade, uma educação que permita e possibilite racionalidades novas, “não para uma cultura de desesperança e

alienação, pelo contrário, para o processo de emancipação que permite novas formas de reapropriação do mundo e de convivência com os outros”.

Desse modo, questiona-se: (a) *O que a educação, diante do contexto de degradação e exploração, pode fazer pela Amazônia?* (b) *Como o ensino de geografia pode colaborar à manutenção, preservação e permanência da sociobiodiversidade amazônica? Como os estudantes percebem a Amazônia?*

O objetivo deste artigo é analisar como os estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, localizada no norte do estado de Mato Grosso, percebem a Amazônia no contexto da Geografia Escolar, no intuito de colaborar à construção do ensino de Geografia atuante e habilitado a contestar e problematizar a realidade imposta, propondo alternativas de mudanças no tocante à degradação socioambiental da Amazônia brasileira. A pesquisa foi realizada em uma escola pública localizada no norte do estado de Mato Grosso, área de abrangência da Amazônia Legal e do Bioma Amazônia.

O estudo busca contribuir para que educadores e estudantes descubram e problematizem os contrapontos de suas realidades e elaborem conhecimentos acerca da região na qual vivem e nela protagonizam o processo de produção do espaço geográfico, tendo em vista que a mudança precisa vir dos interlocutores, dos sujeitos que vivem no contexto do espaço amazônico. A aprendizagem sobre a Amazônia “verdadeira e integral” no ensino de Geografia é necessária para a formação da cidadania e para que os discentes desenvolvam um pensamento crítico e reflexivo sobre a própria realidade.

Para melhor fluidez, o texto inicia indicando o percurso metodológico. Em seguida, promove uma breve reflexão sobre as diversas faces da Amazônia, a pesquisa realizada com os estudantes do Ensino Fundamental sobre suas percepções sobre a Amazônia e, por fim, as considerações finais.

METODOLOGIA

A pesquisa se caracteriza como exploratória, com abordagem quali-quantitativa. Os procedimentos utilizados consistiram em levantamento e análise bibliográfica, documental e pesquisa de campo, desenvolvida com estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental (72 estudantes de três turmas, sendo uma do matutino e duas do vespertino) de uma escola pública localizada no norte do estado de Mato Grosso.

No primeiro momento, foi realizado um diálogo com a gestão da escola para informar as motivações e a importância da pesquisa que seria desenvolvida e que a escola, os educadores e estudantes envolvidos no projeto não seriam expostos no trabalho. Após a autorização dos gestores, houve uma conversa com os docentes responsáveis pelas turmas, tendo em vista que a atividade utilizaria um “tempo” da aula que estaria em desenvolvimento. Não houve impedimento, pelo contrário, a proposta foi bem aceita e contou com colaboração tanto da equipe gestora quanto dos/das docentes regentes das turmas pesquisadas e dos próprios discentes.

Na sequência, ocorreu a apresentação da pesquisadora, dos objetivos, justificativas e motivações da pesquisa aos estudantes. O questionário foi entregue e, após responderem (a maioria desenvolveu a atividade sem objeções), devolveram o instrumento de pesquisa, que foi analisado, cujas respostas formaram a base das discussões. As turmas do 8º ano do Ensino Fundamental foram as escolhidas, pois as discussões sobre a temática envolvendo a Amazônia são tratadas com mais ênfase em conteúdo do 7º ano do Ensino Fundamental.

No questionário constaram questões básicas e essenciais sobre a temática proposta, quais sejam: (1) *O que é a Amazônia?* (2) *Onde fica a Amazônia?* (3) *Quais são os povos que vivem na Amazônia?* (4) *Você acredita que a Amazônia está sendo devastada? Se sim, quais ou quem são os responsáveis pela devastação da Amazônia?* (5) *Você considera que a Amazônia é importante para o Brasil e para o mundo? Por quê?*

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Amazônia em suas diversas feições

Amazônia tem se destacado nas discussões e está nos holofotes midiáticos. São corriqueiras as notícias sobre os recordes de desmatamento e a correlação desse infortúnio com o aquecimento global e as mudanças climáticas. As questões de ordem natural são privilegiadas nos debates enquanto os conflitos sociais e as particularidades das diversas sociedades amazônicas não recebem igual atenção das mídias nacional e internacional.

Porto-Gonçalves (2005) elucida que a Amazônia é uma região complexa e diversificada, com muitos superlativos, grande variação e está longe de ser homogeneizada – não existe uma “única Amazônia”. O autor frisa a importância em distinguir a visão de fora, produzida sobre a Amazônia da visão endógena, de quem vive e conhece esse espaço. A visão exógena a vê como: “[...] Natureza, como Floresta, como atrasada, como Reserva de Recursos, como Futuro do Brasil [...]” (PORTO-GONÇALVES, 2005, p. 9). Contudo, complementa:

A Amazônia é, sobretudo, diversidade. Em um hectare de floresta existem inúmeras espécies que não se repetem, em sua maior parte, no hectare vizinho. Há a Amazônia da várzea e da terra firme. Há a Amazônia dos rios de água branca e a dos rios de águas pretas. Há a Amazônia dos terrenos movimentados e serranos do Tumucumaque e do Parima, ao norte, e a da serra dos Carajás, no Pará, e há a Amazônia das planícies litorâneas do Pará e do Amapá. Há a Amazônia dos cerrados, a Amazônia dos manguezais e a Amazônia das florestas. [...] Há uma Amazônia que convive, que dialoga, onde o caboclo e o índio se enriquecem mutuamente, onde o gaúcho, descendente de alemão ou italiano ou paranaense, descendente de ucraniano, aprende não a derrubar a mata, mas a conviver com ela. E do seringueiro que aprende com o gaúcho, com o catarinense, com o mineiro. Há uma Amazônia da mata e há uma Amazônia desmatada. Nessa há uma

Amazônia do pasto, geralmente do latifúndio, mas também outra, a do camponês que planta. Há uma Amazônia que mata. Há uma Amazônia que resiste, que “r-existe” (PORTO-GONÇALVES, 2005, p. 9,10).

O bioma Amazônia é compreendido pela bacia do rio Amazonas. Sua grande área é ocupada pela floresta latifoliada equatorial, que ultrapassa os limites da Região Norte do Brasil, engloba parte do estado de Mato Grosso (ao norte do paralelo 16º de latitude Sul), parte de Tocantins e Maranhão. Ultrapassa o território nacional, estendendo-se por oito países que fazem fronteira com o Brasil: Bolívia, Peru, Venezuela, Colômbia, Equador, Suriname, Guiana e Guiana Francesa (território francês) (SILVA, 2019).

Vista a partir do cosmos, a Amazônia sul-americana corresponde a 1/20 da superfície terrestre, 2/5 da América do Sul, 3/5 do Brasil, contém 1/5 da disponibilidade mundial de água doce e 1/3 das reservas mundiais de florestas latifoliadas, mas somente 3,5 milésimos da população mundial. Definida pela fantástica massa florestal, a Amazônia sul-americana com 6 500 000 km² envolve além do Brasil mais sete países fronteiriços (BECKER, 1990, p. 9).

Portanto, Pan Amazônia designa a Amazônia internacional, tendo em vista que o bioma se expande por mais oito países além do Brasil. A Amazônia Legal, em contrapartida, é um conceito político criado pela Lei nº 1.806, de 6 de janeiro de 1953 (TEIXEIRA, 2006). É composta pelos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Tocantins, Roraima e parte do Maranhão.

O projeto Amazônia Legal surgiu a partir de ações do Estado brasileiro, objetivando coordenar e organizar planos governamentais destinados à região. Em 1953, fundou a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), que foi alterada para Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) em 1966, surgindo a Amazônia Legal.

Segundo Becker (1990), aos capitalistas, a Amazônia sempre significou uma fonte inesgotável de recursos com marcante vazio demográfico, pois os diversos grupos de indígenas, caboclos, seringueiros, comunidades tradicionais e todos os povos que a habitam eram/são desconsiderados ou compreendidos como empecilhos ao desenvolvimento local.

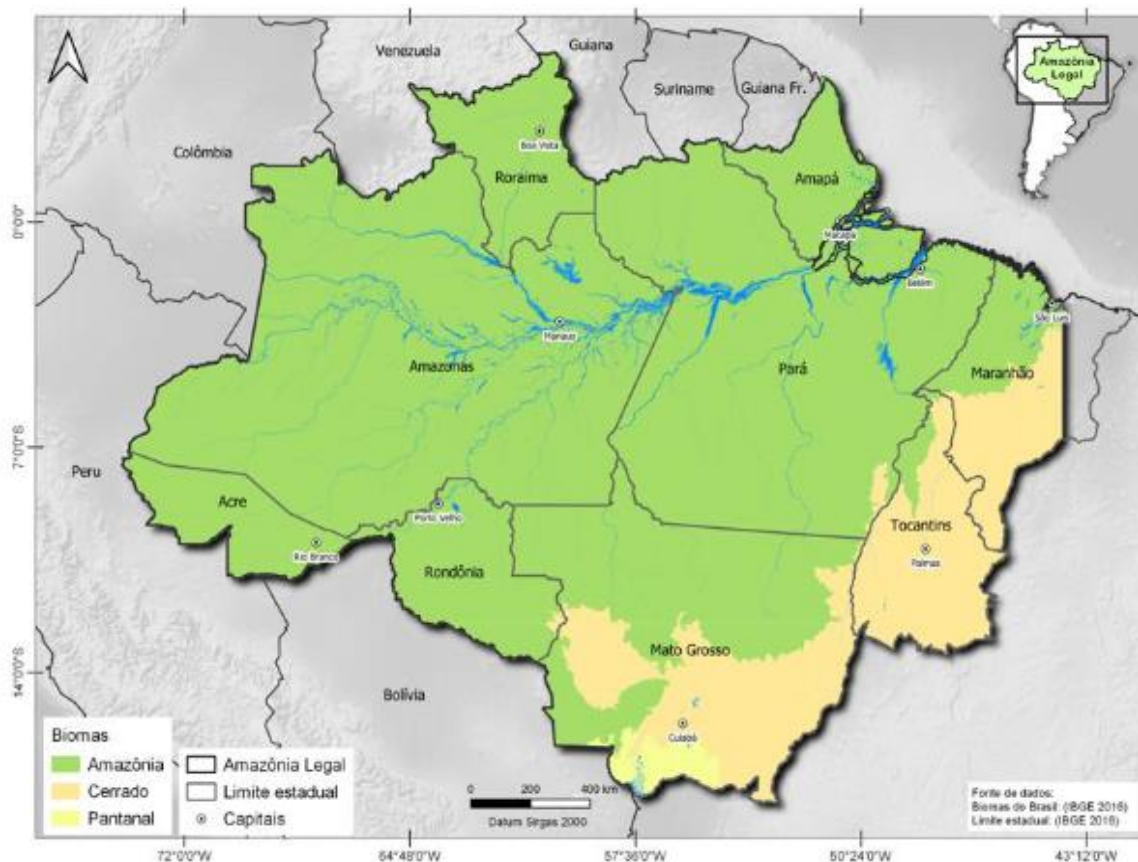


Figura 1. A Amazônia Brasileira: Bioma Amazônia e Amazônia Legal. Fonte: (SANTOS, SALOMÃO E VERÍSSIMO, 2021).

Porto-Gonçalves em seu texto, *Amazônia, Amazônias*, esclarece que os povos da Amazônia foram/são desconsiderados pela classe dominante, julgados incapazes de “desenvolver” a região. Assim sendo, foi disseminada a ideia de que é necessário desarticular as sociedades organizadas para iniciar o processo de integração e desenvolvimento, que é desigual, interessando principalmente às elites e à acumulação capitalista.

[...] Dessa caracterização decorrem duas visões que precisam ser vistas com cuidado: a primeira, até aqui dominante, de que, sendo a região assim caracterizada, ela precisa ser desenvolvida, o que, de certa forma, significa ser *des-envolvida*, isto é, que seja quebrado o seu envolvimento para que ela se abra ao mundo, incorporando os padrões de progresso, de modernidade. Assim, *des-envolver* significa tirar daqueles que são do lugar o poder de decidir sobre o seu destino. Significa, enfim, deslocar. E esse desenvolvimento terá que vir de fora, de algum agente externo civilizador, já que essas populações não se mostraram capazes de sair do estado de natureza e/ou do atraso (PORTO-GONÇALVES, 2005, p. 21).

Esse “*des-envolvimento*” provocou acentuada degradação socioambiental na Amazônia. As missões jesuítas que executavam buscas pelas drogas do sertão em meados do século XVIII provocaram os primeiros impactos registrados. Em seguida ocorreu o ciclo da borracha - final do século XIX e início do século XX, intensificando

a degradação. Nas primeiras décadas do século XX, e mais intensamente nas décadas de 1950 e 1960, iniciaram-se as frentes pioneiras agropecuárias e minerais espontâneas do Nordeste. Após o golpe militar de 1964 e, a partir de 1970, a degradação se tornou incontrolada, quando o Estado brasileiro se encarregou de um novo ordenamento da Amazônia (BECKER, 1990).

Na visão de Costa Silva (2022), a modernização da Amazônia iniciada na década de 1960 provocou a reorientação do local, incorporando-a à nova sociabilidade do capital extrativista. As ocupações na região ocorreram em dois momentos distintos: 1960 a 1990 e após esse período. Nos primeiros tempos, era precária a regularização fundiária com extensas áreas de terras devolutas, as quais o Estado desconhecia ou não tinha total controle das ocupações agropecuárias. Foi um período de intensa supressão vegetal e conflitos, envolvendo principalmente fazendeiros, grileiros e posseiros; contudo, as principais vítimas foram os povos originários e as comunidades tradicionais. Naquele período, houve grande estímulo à migração para a colonização agrícola, atendendo muitas famílias camponesas, porém de modo precário e com muita violência.

Após 1990, o governo federal ampliou os instrumentos de gestão ambiental e instituiu diversos territórios protegidos. Em contrapartida, estimulou o avanço do agronegócio na Amazônia, construindo a Hidrovia do Madeira e os portos da Cargill e da Amaggi, nos estados de Rondônia (Porto Velho) e Pará (Santarém), facilitando o escoamento da produção das *commodities* para a infelicidade da sociobiodiversidade amazônica (COSTA SILVA, 2022).

A temática amazônica é complexa e necessita ser amplamente problematizada no cotidiano das instituições sociais, principalmente na escola, pois é onde ocorre a socialização dos saberes eruditos e institucionalizados. Tem maior abrangência nos conteúdos de Geografia do 7º ano do Ensino Fundamental, principalmente quando aborda as regiões brasileiras, no caso a “Região Norte”. Em muitas situações, porém, o material didático não contempla a realidade local vivenciada e segue uma visão ufanista, mística, privilegiando as questões ambientais em prejuízo das questões humanas (BARBOSA, ROCHA, LIRA; 2021).

Costa Junior e Thomé (2022) também evidenciam que, a partir do período colonial, a Amazônia foi percebida e descrita por colonizadores e pensadores europeus como uma região de “vazio demográfico, inóspita e exuberante”. Esse ponto de vista influencia, ainda hoje, a compilação dos materiais didáticos no Brasil, ratificando o pensamento sócio-histórico construído pelos intelectuais que ditam as concepções geográficas sobre a Amazônia nos livros didáticos. Em consequência, o viés que norteia as publicações de apoio pode influenciar diretamente a abordagem do ensino de Geografia nas instituições escolares. Assim sendo, os conteúdos didáticos-pedagógicos tanto podem cristalizar, legitimar conceitos errôneos e falaciosos quanto proporcionar o conhecimento sobre uma realidade desconhecida, velada e negligenciada.

Na visão de Rocha e Amoras (2006), o currículo e a disciplina Geografia no Ensino Fundamental podem contribuir para desmistificar representações cristalizadas sobre a Amazônia e, assim, reelaborar o conhecimento sobre a região, mas, para que isso ocorra, é preciso conhecer o passado e o presente dos seus povos, os processos de luta, exploração, extermínio ocorridos *in loco*, a devastação socioambiental em busca da acumulação capitalista. É preciso conhecer a história e a cultura dos povos, suas lendas e valores que sempre foram suprimidos dos conteúdos escolares e aproximá-los da realidade vivida, priorizando o conhecimento do local.

Ainda segundo os autores, a desvalorização do conteúdo regional se manifesta nas instituições escolares mediante seus currículos que priorizam outras culturas, secundarizando a cultura regional. Como consequência, ocorre a descaracterização e a negação da cultura e da identidade local. Essa dinâmica pode ter implicações significativas no processo educacional, contribuindo para a perda de conexão entre os estudantes e sua própria realidade sociocultural, além de promover uma visão desequilibrada e muitas vezes distorcidas do patrimônio cultural e histórico da região.

A Amazônia na percepção dos estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental

Este estudo foi desenvolvido em uma escola pública localizada na Amazônia norte mato-grossense, uma região que sofre pela intensa degradação socioambiental causada pela expansão da fronteira agrícola capitalista. Nessa área, os latifúndios de grãos, principalmente a soja, milho e o algodão substituem muitos hectares da floresta nativa e desterritorializam povos que habitam esse espaço.

A pesquisa foi desenvolvida de forma investigativa com estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental, pois a temática é discutida principalmente nos conteúdos programáticos do ano anterior. Pela lógica, então, os estudantes já tiveram contato com as discussões sobre a Amazônia nas aulas de Geografia em anos pretéritos.

Sendo assim, com intuito de compreender como os estudantes participantes da pesquisa compreendem a temática, foi questionado: **(1) O que é Amazônia?**

A pergunta foi simples, porém muitos estudantes tiveram dificuldades para responder, para definir o conceito. Por receber muitos nomes e adjetivos, a confusão é considerada normal. Quarenta alunos (56%) responderam que Amazônia é uma floresta, ou “uma grande floresta”, “a maior floresta do Brasil e do mundo”. Alguns complementaram as respostas, dizendo que é uma grande reserva, ou o “pulmão” do Brasil e do mundo; o coração do Brasil; a “nossa reserva” do país.

Outros 17% dos estudantes (12) responderam que é um lugar, ou um local do Brasil que tem muito mato, muitos animais, muitos insetos. Não sabendo bem identificar, escreveram que a única coisa que sabiam é que era “um lugar com muitos animais perigosos!” Nove deles, (13%) definiram a Amazônia como um matagal ou mato, seis (8%) responderam que é um estado brasileiro, fazendo confusão com o estado do Amazonas, talvez pela semelhança do nome e cinco (7%) não responderam à questão. Nas respostas, os estudantes se referiram apenas às particularidades

naturais, destacando a grandeza da floresta, a presença de diversos animais e insetos, as reservas naturais, mas não citaram a presença humana.

Souza e Mendonça em 2014 realizaram uma pesquisa semelhante com estudantes de escolas situadas em Belém, município paraense, e observaram que, na visão da maioria dos participantes daquela pesquisa, a Amazônia era formada apenas por uma grande floresta com tribos indígenas e variadas espécies de animais e vegetais; lugar místico, exótico e distante das suas realidades (SOUZA, MENDONÇA, 2014).

Em 2021, Barbosa, Rocha e Lira publicaram uma pesquisa realizada em 2018 com estudantes de escolas também do município de Belém do Pará e a observação foi semelhante. “Nota-se que em sua maioria, a Região Amazônica é representada pelos alunos do 7º ano do ensino fundamental enquanto principalmente vinculada à floresta, enquanto uma questão ambiental e foi representada poucas vezes a presença do homem nessa região de floresta” (BARBOSA, ROCHA, LIRA; 2021, p. 24).

Com base em nossa pesquisa e nos exemplos citados, a visão estereotipada da Amazônia está presente em diversas instituições de ensino, em escolas amazônicas, o que indica a urgência em desmistificar as visões pré-concebidas, pré-colombianas que ainda imperam na educação geográfica em diversas escolas brasileiras – não é um problema isolado. Como observam Barbosa, Rocha e Lira (2021), é preciso desconstruir a visão pronta e o “pré-conceito” internalizado que os alunos possuem e despertar neles o sentimento de pertencimento à região.

Prosseguindo com a pesquisa, a segunda questão foi sobre a localização da Amazônia: **(2) Onde fica a Amazônia?** Nesse caso, os estudantes poderiam se referir ao bioma, ou Amazônia Legal ou, até mesmo, à Amazônia Internacional (Pan Amazônia), conforme a compreensão individual, incluindo os estados, as cidades, áreas urbanas e rurais.

Sobre a localização houve uma diversidade de respostas, algumas apontaram que a Amazônia fica no Brasil (nenhum aluno citou outro país), alguns responderam que fica na região Norte do Brasil, dezesseis responderam que se localiza apenas no estado do Amazonas. Alguns ou não sabiam ou apenas mencionaram aleatoriamente nomes de estados brasileiros para completar a questão, tais como Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná. Vinte estudantes disseram que a Amazônia também se localiza no Mato Grosso, entre outros estados, e dez desses citaram acertadamente todos ou quase todos os estados brasileiros ocupados pela região amazônica.

Dando sequência, o objetivo da próxima questão foi verificar se os discentes se identificam como amazônicas, habitantes da região amazônica. Portanto foi questionado: **(3) Quais são os povos que vivem na Amazônia?**

Praticamente todos os estudantes (65 ou 90,2%) responderam que os indígenas são os povos que vivem na Amazônia; alguns incluíram os ribeirinhos e os animais. Houve quatro citações sobre os ribeirinhos e quatro sobre os animais. Alguns afirmaram: “Outros brasileiros ou pessoas de outros estados” não se incluindo entre os povos amazônicas. Um único estudante, que na questão anterior respondeu que a Amazônia

também se localizava no Mato Grosso, identificou apenas os povos do “Xingu” (Terra Indígena do Xingu) como habitantes da região. Muitos afirmaram que a Amazônia está no Mato Grosso, mas não se percebem como amazônidas - na concepção destes estudantes a Amazônia é um local distante da sua realidade, não coexistem no mesmo espaço.

A negação ao pertencimento da Amazônia também não é exclusividade dos estudantes do norte mato-grossense. Nos estudos já citados de Souza e Mendonça (2014) e Barbosa, Rocha e Lira (2021), também apareceu o sentimento de não pertencimento à Amazônia e esta tendência sugere a necessidade de uma análise mais abrangente sobre as dinâmicas de identidade e consciência regional, não apenas no contexto local investigado, mas também em outras regiões que compartilham semelhantes percepções de distanciamento em relação à Amazônia. Essa observação reforça a importância de uma abordagem holística e interdisciplinar no ensino de geografia, visando promover uma compreensão mais precisa e abrangente sobre esta significativa região.

Souza e Mendonça (2014) expõem que a relação desenvolvida entre os estudantes com determinado objeto de conhecimento é cognitiva e afetiva. Assim sendo, para a construção de uma realidade nova é necessário que professoras e professores assumam a responsabilidade de desvelar e desmistificar os fatos errôneos ligados ao cenário e ao povo amazônico, conectando-os ao cotidiano das salas de aula e valorizando as características específicas da região.

Costa Silva (2022) evidencia que muitos migrantes do Centro-Sul do Brasil foram assentados por meio dos projetos de colonização na região amazônica. Com base em Darcy Ribeiro, Costa Silva denomina esse contingente populacional de “sociedades transplantadas”, uma sociedade migrante que não tem como valor referencial a estética amazônica. E complementa:

[...] Resulta em uma sociedade na Amazônia que não se sente amazônida, uma sociedade constituída na expansão de fronteira, cujos meios de produção e trabalho decorrem da transformação da natureza em espaço da agropecuária, ou seja, de sua destituição estética e simbólica. Daí os estranhamentos políticos e culturais contra as singularidades amazônicas, expressas nas populações caboclas, povos originários e comunidades tradicionais e nos territórios protegidos (Unidades de Conservação, Terras Indígenas e Terras Quilombolas) (COSTA SILVA, 2022, p. 107).

Muitos migrantes, em sua maioria sulistas, quando se fixam na Amazônia, tentam mudar a realidade encontrada e a cultura local para facilitar sua adaptação e valorizar seus costumes, desconsiderando os costumes alheios. Buscam inserir no novo espaço elementos de suas origens para replicar o que para eles era/é valioso e, desse modo, descaracterizam o novo espaço de suas particularidades genuínas para transformá-los em réplicas do seu habitat. Muitas vezes, essa identidade recriada se sobrepõe, e ainda reverbera, à cultura local (SILVA, 2007).

A próxima questão indagou como os estudantes percebem a realidade socioambiental da Amazônia, se identificam os problemas ambientais, os conflitos presentes no seu

espaço de vivência. Desse modo: **(4) Você acredita que a Amazônia está sendo devastada? Quem ou quais são os responsáveis pela devastação da Amazônia?**

Sobre o primeiro item da questão quatro, 67 alunos (93%) responderam que sim, a Amazônia está sofrendo um processo de devastação. Um deles disse que não e quatro deixaram em branco a questão. Em alguns casos, o mesmo estudante apontou um ou vários responsáveis pela degradação socioambiental, motivo que ultrapassou o total de participantes no estudo, mas 54% das respostas (39) apontaram o “homem ou os seres humanos” como os causadores dos danos. Em muitas situações, responderam que eles mesmos (os próprios alunos) também colaboram com a problemática.

Muitos estudantes não especificaram um agente de transformação/ destruição e repetem o que ouvem ou lhes é ensinado, pois, em muitas ocasiões, os assuntos são abordados nas atividades pedagógicas com superficialidade. Os problemas socioambientais, a exemplo do desmatamento, queimadas, conflitos, entre outros, são abordados, mas sem contextualizar, problematizar, sem dizer os porquês da ocorrência desses fatos ou a motivação real dos fenômenos. É necessário esclarecer que o desmatamento não ocorre por si só, a queimada nem sempre é um fenômeno natural, ao contrário, ocorre por um propósito, com intencionalidades. É necessário frisar e evidenciar que o que destrói a natureza e o meio ambiente é o modo de produção capitalista. Nesse contexto, a Geografia proporciona as ferramentas conceituais e analíticas necessárias para desvendar e compreender os padrões espaciais e as dinâmicas socioambientais subjacentes aos fenômenos

É urgente explicar, no processo de ensino-aprendizagem que os povos originários, as comunidades tradicionais e ribeirinhas não deixaram suas terras e seus lares por opção e sim por falta dela. Essas migrações são frequentemente motivadas por processos de violência e desrespeito aos direitos territoriais e condições socioeconômicas adversas. Desse modo, a Geografia contribui ao mapear e analisar os padrões de deslocamento populacional, identificando as áreas afetadas e as consequências socioespaciais desses movimentos.

Prosseguindo com a tabulação das respostas, 19 estudantes disseram que os culpados pela devastação são os madeireiros, sete citaram agricultores/ fazendeiros; cinco, os garimpos, três responsabilizaram as ações do governo de Bolsonaro e houve afirmações únicas sobre as indústrias e traficantes.

São vários os agentes e os fatores responsáveis pela transformação/ degradação socioambiental da Amazônia. Dentre os principais, está o Estado, com os direcionamentos coordenados ou descoordenados, com apoio financeiro e legal em diversos governos, principalmente a partir da Marcha para o Oeste e do Projeto de Integração Nacional (PIN).

A partir das propostas governamentais, muitos migrantes se direcionaram para região por meio dos projetos de colonização, habitação e empresariais com a obrigação de “abrir”, ou seja, desmatar a floresta como condicionante para a posse das terras. A intensificação das ações ocorreu principalmente a partir dos governos militares (1964-

1985), período de intensa supressão vegetal, animal e humana. Muitos povos originários foram exterminados ou expulsos da região, pois eram vistos como empecilhos ao desenvolvimento local (OLIVEIRA, 2016). Todas as manobras de ocupação, desenvolvimento e integração provocaram diversos danos ecológicos, ambientais e sociais imensuráveis na Amazônia.

De acordo com Picoli (2004), no processo de expansão da fronteira, ocorreram (e ocorrem) parcerias no processo de degradação socioambiental, as madeiras e as serrarias, junto com os extratores, iniciaram o processo de retirada das árvores maiores para comercializar, abrem clareiras, estradas, pontos de apoio. Após a extração das madeiras, de seu interesse, repassam as áreas para as empresas agropecuárias que utilizaram tratores, correntões, picadores, completando o ciclo da devastação socioambiental.

Como observou Costa Silva (2022), o agronegócio, principal modelo agrário adotado atualmente no norte de Mato Grosso, em ampla expansão pela Amazônia, adere como *modus operandi* a expansão de suas áreas agricultáveis para aumentar a produção e a acumulação capitalista com uso de formas diversas de violência: queimadas, desmatamento e invasões de reservas ambientais e territórios protegidos. Essas ações não apenas acarretam danos ambientais significativos, mas também têm sérias repercussões sociais, afetando comunidades tradicionais, povos indígenas e populações locais, que dependem diretamente desses recursos naturais para sua subsistência e modo de vida.

Mesmo com a ampla legislação ambiental e alarmes sobre as alterações climáticas (intensificadas pela destruição ambiental), que provocam calamidades no Brasil e em vários locais do mundo (ao exemplo do ciclone no Rio Grande do Sul em 04/09/2023, a Tempestade Daniel que atingiu a Líbia no dia 10/09/2023 e o grande incêndio que devastou a ilha de Maui no Havaí em 08/08/2023), a destruição da Amazônia e de outros biomas brasileiros foram/são constantes, intensificadas durante o Governo Bolsonaro (2019-2022), período de amplo desrespeito à legislação ambiental, aos povos originários, quilombolas e comunidades tradicionais.

Para finalizar a pesquisa, a última questão foi voltada à relevância da Amazônia: **(5) Você considera que a Amazônia é importante para o Brasil e para o mundo? Por quê?**

À questão cinco, praticamente todos os estudantes responderam que sim, apenas um respondeu que não. Como justificativa, 18 estudantes se reportaram à valoração econômica, percebendo a Amazônia como fonte de recursos vegetais e minerais: “Sim, lá tem muitos recursos, como madeira etc.”; “Sim, pois tem muitos recursos naturais”; “Sim, ela abriga uma floresta que tem muitos recursos para nós”; Sim, pois é uma fonte de renda para o Brasil e para o mundo”; “Na Amazônia tem muitos recursos para os brasileiros”.

Para outro grupo de alunos (18), o valor da Amazônia está correlacionado às questões climáticas, identificando-a como “pulmão do mundo”, fonte de oxigênio, responsável pelas chuvas, entre outras questões relacionadas ao clima: “Sim, porque, se acabar

com a Amazônia, acaba com o oxigênio”; “Sim, pois ela impede o efeito do gás-estufa e tem muitas riquezas”; “Sim, sem ela nós não temos como respirar, fica sem oxigênio”; “Sim, por causa da chuva”; Sim, porque ela é o pulmão do mundo, muito importante para todos do Brasil!”.

Quinze discentes associam a relevância da Amazônia à preservação dos animais, acreditam que sem a floresta muitos entrarão em extinção ou vão invadir as áreas urbanas (porém, sabe-se que os animais silvestres sofrem com a invasão constante de seus habitats): “Se destruir a Amazônia, os animais vão entrar em extinção”; “Sem a Amazônia, os bichos perigosos iam vir pra cidade”. Treze alunos disseram que o mérito da Amazônia está relacionado à grande diversidade de árvores; cinco, além da fauna e flora, citaram que a preservação é importante para as pessoas que “lá” vivem. Alguns não responderam à questão.

As respostas revelam a correlação da Amazônia aos recursos minerais e vegetais (principalmente a madeira), presença animais e árvores (potencial biológico) e a preocupação com as questões climáticas. Quando falam sobre a população da região, não se incluem, repetem o discurso construído por outros, diariamente noticiado na mídia e nos canais de televisão. É importante destacar que a imprensa em geral evidencia o que lhe é pago para divulgar “ou não falar”, está presente na vida de muitas pessoas colaborando à educação ou deseducação de crianças e adolescentes com informações que, em muitas ocasiões, contradizem os conteúdos escolares. Os educadores precisam filtrar e, sempre que possível, desmentir e/ou esclarecer aos discentes o que está sendo divulgado, ainda mais em tempos de *fake news*.

Sobre a questão econômica, Picoli (2005) evidencia que, na compreensão de vários grupos empresariais, a importância da região também está relacionada ao seu imenso reservatório de minerais (manganês, ouro, prata, diamante, estanho, níquel, zinco, ferro, cromo, chumbo, entre muitos outros) sem falar na especulação sobre as possíveis reservas em territórios protegidos.

Além dos minérios, a presença de plantas/produtos e saberes medicinais são almejadas por empresas farmacêuticas que exploram a região, roubam exemplares e os patenteiam em seus países de origem (biopirataria). O potencial econômico e alimentício relacionado ao extrativismo local também é cobiçado e merece destaque, ao exemplo da seringueira (*Hevea Brasiliensis*), das castanhas, do açaí, entre outros produtos autóctones, que despertam o gosto e a ambição, pois, ao capitalismo, tudo vira recurso e é passível de comercialização e lucro. O potencial hídrico também suscita interesse tanto pela potencialidade energética quanto pela reserva de água doce/potável disponível.

A Amazônia abriga uma das últimas extensões contínuas de florestas tropicais úmidas da Terra, detendo cerca de 1/3 do estoque genético planetário. Embora não haja dados conclusivos, estima-se que existam na região cerca de 60.000 espécies de plantas (das quais 30.000 de plantas superiores, sendo mais de 2.500 espécies de árvores), 2,5 milhões de espécies de artrópodes (insetos, aranhas, centopeias etc.), 2.000 espécies de peixes e 300 de mamíferos (ALBAGLI, 2010, p. 10).

No tocante à importância climática, a Amazônia é responsável pela manutenção da umidade relativa do ar, precipitação, absorção do excesso de calor e pela reserva de água doce. O bioma é conhecido erroneamente como “pulmão do mundo” (a floresta consome todo o oxigênio por ela produzido), mas funciona como um grande ar-condicionado, regulando ou diminuindo a temperatura por meio da evapotranspiração. Portanto, com o aumento da destruição da Amazônia, a temperatura mundial tende a subir (FLORES; OLIVEIRA, 2010). Fato comprovado nos últimos dias do mês de Setembro de 2023, em diversos estados brasileiros.

O desmatamento sistemático da floresta implica no regime de chuva em todo o país, e os demais desequilíbrios ambientais os quais estamos presenciando. A quantidade de vapor de água produzida na região (pela evapotranspiração das plantas) forma os rios voadores – grandes massas de ar carregadas de vapor de água originadas nas áreas tropicais do oceano Atlântico e alimentadas sob a floresta Amazônica – responsáveis por grande parte das chuvas do Brasil, principalmente do Centro-Oeste (NOBRE, 2014).

Os recursos minerais, vegetais, hídricos e a grande biodiversidade são fundamentais para a nação, para o país e quiçá para o mundo, mas a região também possui grande riqueza cultural e simbólica, sendo a morada de muitos povos originários, comunidades tradicionais, ribeirinhos e quilombolas, além da grande população dos descendentes dos migrantes que rumaram para região.

Colaborando com o exposto, em levantamentos junto aos documentos oficiais, Santos, Salomão e Veríssimo (2021) destacam que na Amazônia Legal vivem aproximadamente 28,1 milhões de pessoas (13% da população brasileira), 180 povos indígenas com diferentes dialetos e culturas distintas, 45% do território é composto por áreas protegidas distribuídas em Unidade de Conservação (UC) de uso sustentável, com aproximadamente 11%. Proteção Integral, 8%. Terras Indígenas (TI), 23%. Áreas de Proteção Ambiental (APA), 3% e Terras Quilombolas (TQ) com apenas 0,2% da área da região. Portanto, a Amazônia não é um vazio demográfico, composta apenas por árvores, animais e fonte de recursos. É um espaço rico em diversidade cultural, social e simbólica que precisa principalmente de respeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados da pesquisa, fica escancarada a necessidade imprescindível e urgente de foco na Geografia Local e de desenvolver o sentimento de pertencimento nas pessoas. Questiona-se: (a) *Como, diante de uma realidade tão complexa e degradante à qual passa a Amazônia, seus povos e toda a biodiversidade tem enfrentado, estudantes que habitam a Amazônia não a conhecem?* (b) *Por que esses alunos não se reconhecem como amazônidas? Ou não correlacionam que o estado onde residem está inserido na região Amazônica?* (c) *Por que muitos discentes não sabem dizer por que a Amazônia é importante e necessária para os habitantes locais (como eles) e para a sociedade global?* São questões simples, mas básicas

sobre as quais devemos refletir e, ao mesmo tempo, servem de norte para montar uma estratégia de ação e minimizar a situação perversa detectada.

Essa desinformação é preocupante, pois só defendemos o que conhecemos, se não reconhecemos nosso território, não estamos capacitados a lutar por ele e a defendê-lo. Urge investigar onde está a raiz do problema: seria material didático, elaborado e imposto aos sistemas de ensino? É o reflexo da má formação dos educadores ou a falta de autonomia e resistência para contestar o material que lhes é imposto? É a falta de interesse por parte dos estudantes? É a necessidade de formação continuada aos profissionais educadores das Ciências Humanas, tendo em vista que essa área de conhecimento não está entre as prioritárias nas propostas de ensino, ao contrário das disciplinas das áreas de Linguagem e Matemática? Ou é a arbitrária interferência do capital neoliberal nos sistemas de ensino? Essas primeiras elucubrações dão margem a outras muitas possibilidades.

A negativa voluntária ou involuntária da Amazônia em “suas/nossas vidas” pode justificar o descaso, a desconsideração e o desinteresse da sociedade em relação à realidade socioambiental degradante da maior floresta equatorial e tropical do planeta. Será que esse hiato é ocasional ou proposital dentro de um sistema capitalista, altamente excludente e degradante, adotado em nosso país?

A realidade socioambiental da Amazônia precisa ser melhor discutida e problematizada dentro das instituições escolares e no ensino de Geografia, disciplina que possui ferramentas necessárias ao debate - mapeamento, geotecnologias, identificação e compreensão das implicações e das contradições presentes no espaço geográfico, etc. É mister que a dissecação do tema seja realizada, em todas instituições educacionais compreendidas na região Amazônica, com discussões e problematização da realidade local, sem negligenciar, minimizar ou subtrair fatos, fenômenos e eventos, principalmente os voltados aos crimes sociais e ambientais de existência secular.

A educação geográfica e o ensino de geografia são instrumentos de poder, caros e necessários, devem ser utilizados para libertar e desvelar o que consta nas entrelinhas dos projetos capitalistas e “desenvolvimentistas” - os verdadeiros planos do capital para a região e neste contexto, as/os amazônidas precisam ser protagonistas das discussões do espaço onde vivem.

Portanto, por meio dessa pesquisa, fica claro a necessidade de maior investigação, análise para a compreensão dos problemas emergidos nesta discussão. E, por fim, recomenda-se que esta pesquisa sirva de modelo/incentivo para ser aplicada em outras localidades e estudos mais amplos e exaustivos.

AGRADECIMENTOS

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Concepção: Renata Maria da Silva. **Metodologia:** Renata Maria da Silva. **Pesquisa:** Renata Maria da Silva. **Recursos:** Renata Maria da Silva. **Preparação de dados:** Renata Maria da Silva. **Escrita do artigo:** Renata Maria da Silva. A autora leu e concorda com a versão publicada do manuscrito.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, S. Amazônia: fronteira geopolítica da biodiversidade. **Parcerias estratégicas**, v. 6, n. 12, p. 05-19, 2010. Disponível em: <<https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/105/1/AlbagliParcerias2001.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2023.

BARBOSA, S. F.; ROCHA, G. O. R.da; LIRA, J. R. O. A noção de Amazônia e a categoria de região no ensino de geografia: das representações sociais dos alunos à construção de sua identidade. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 11, n. 21, p. 05-27, 2021. Disponível em: <<https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/994>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

BECKER, B. K. **Amazônia**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1990.

COSTA JUNIOR, W. R.; THOMÉ, Z. R. C. Representações geográficas da Amazônia brasileira no livro didático de geografia do 4º ano do ensino fundamental: limites e desafios ao trabalho pedagógico do professor. **Humanidades & Inovação**, v. 9, n. 23, p. 243-257, 2022. Disponível em <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/6121>>. Acesso em: 10 set. 2023.

COSTA SILVA, R. G. da. A desamazonização da Amazônia: conflitos agrários, violência e agrobandidagem. **Conflitos no Campo Brasil 2021**. v. 1, p. 104-111, 2022. Disponível em: <<https://www.cptnacional.org.br/>>. Acesso em: 10 set. 2023.

FLORES, C. S.; OLIVEIRA, A. L. S. Por que a Amazônia não é o pulmão do mundo? X Congresso de Educação do Norte Pioneiro, Jacarezinho. 2010. **Anais...** UENP. Universidade Estadual do Norte do Paraná. Centro de Ciências Humanas e da Educação e Centro de Letras Comunicação e Artes. Jacarezinho, 2010. ISSN: 18083579. p. 602 a 610.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Amazônia, amazônias**. Editora Contexto, 2005.

LEFF, E. Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, [S. l.], v. 34, n. 3, 2009. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/9515>>. Acesso em: 18 set. 2023.

NOBRE, A. D. **O futuro climático da Amazônia**. São Paulo: Green, 2014.

OLIVEIRA, A. U. **A fronteira amazônica mato-grossense: grilagem, corrupção e violência.** São Paulo: Landé Editorial, 2016.

PICOLI, F. **Amazônia: o silêncio das árvores, uma abordagem sobre a indústria de transformação de madeiras.** Sinop: Editora Fiorelo, 2004.

ROCHA, G. O. R. da; AMORAS, I. C. R. O ensino de geografia e a construção de representações sociais sobre a Amazônia. **Terra Livre**, v.1, n. 26, 2006. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/212/196>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

SANTOS, D.; SALOMÃO, R.; VERÍSSIMO, A. **Fatos da Amazônia 2021, Amazônia 2030.** Centro de Empreendedorismo da Amazônia, Imazon. Disponível em: <<https://amazonia2030.org.br/wp-content/uploads/2021/04/AMZ2030-Fatos-da-Amazonia-2021-3.pdf>> Acesso em 05 de set. 2023.

SILVA, C. A. F. A fronteira agrícola capitalista da soja na Amazônia. **Revista da Sociedade Brasileira de Geografia**, v. 1, n. 1, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-753X2012000200002>> Acesso em 05 de set. 2023.

SILVA, C. A. F. Fronteira agrícola capitalista e ordenamento territorial. In: SANTOS, Milton et al. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial.** Ed. Lamparina, 3.ed. Rio de Janeiro, 2007.

SILVA, R. M. **Transformações socioeconômicas e ambientais do município de Vera/MT: discussões histórico-geográficas e o ensino de geografia no contexto.** 2019. 213f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual do Mato Grosso, UNEMAT, Campus Cáceres. Cáceres, MT, 2019.

SOUZA, L. P.; MENDONÇA, P. de L. V. **Experiência educativa e estereótipo regional amazônico.** Disponível em: <http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404324778_pdf>. Acesso em 05 de set. 2023.

TEIXEIRA, L. **A colonização no norte de Mato Grosso: o exemplo da gleba celeste.** 2006. 117 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, São Paulo, SP, 2006.



Revista Geonorte, Programa de Pós-Graduação em Geografia.
Universidade Federal do Amazonas. Manaus-Brasil. Obra
licenciada sob Creative Commons Atribuição 3.0

